

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ESPACIAIS, ASPECTUAIS E TEMPORAIS

Roselís M. BATISTA*

RESUMO: Apresentamos algumas questões sobre a origem dos conceitos de espaço, aspecto e tempo, e como se refletem e interagem nas gramáticas das línguas naturais. Além de alguns exemplos em português, guarani e kraho, levantamos a problemática do aspecto como categoria dêitica, e fazemos menção ao léxico temporal e seu papel nas línguas romances.

UNITERMOS: Tempo; espaço; aspecto; léxico temporal; dêixis.

Depois de alguns anos de leitura e reflexão sobre o aspecto e o tempo, e de análise dos mesmos em algumas línguas, tais como o português, o guarani, o russo, o francês, e mais recentemente o kraho (língua indígena do grupo Jê), mister é levantar a hipótese de que em algumas línguas – em particular as indígenas – a ausência ou pouca frequência de certos lexemas temporais, amplamente utilizados nas chamadas línguas modernas (agora, já, logo etc.), repousa numa explicação de tipo conceitual, explicação esta que foi ventilada por autores não propriamente lingüistas (Piaget, 6; Spirkin, 7) e que, portanto, não estavam preocupados com espacialidade nem com temporalidade, menos ainda com aspectualidade – seja de qualquer ponto de vista, lexical ou gramatical – de uma língua dada.

O porquê da relação das categorias *espacial* e *temporal* não é novidade nem para lingüistas nem para psicolingüistas, como também não o é para psicólogos, antropólogos, não esquecendo os filósofos e/ou lógicos que trabalharam com as questões de semântica e lógica temporal (Vlach, 8; Lacey, 5), nem tampouco os físicos, como Feynman, por exemplo; “... le temps n’est pas représentable à partir de lui-même, mais à partir de l’espace et par des moyens qu’il lui emprunte” (Guillaume, 3) e em “... l’analyse du lexique temporel guarani... notre informateur avait du mal à nous dire à propos d’un lexème donné, s’il s’agissait d’un *emploi temporel ou spatial*, puisqu’il ne voyait pas de différence entre les deux” (Batista, 1).

* Departamento de Letras Modernas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15055 – São José do Rio Preto – SP.

Recordemos brevemente que, tanto no Brasil quanto em Portugal, se para a categoria do tempo verbal há um número razoável de ensaios e teses, para a do aspecto verbal há muito poucos, destacando-se o trabalho do prof. Ataliba T. de Castilho, o de Travaglia, a abordagem de Mira Mateus *et alii* na sua *Gramática da Língua Portuguesa*, editada em Coimbra, e mais recentemente a tese de Maria Aparecida B. Pereira Soares, sobre a semântica do aspecto verbal em russo e em português (1987 – UFRJ) que apenas nos chegou às mãos.

O professor A. T. de Castilho, apesar de preocupar-se também com as origens do aspecto, não se deteve nelas nem no processo de abstração e cronologia dessas origens, e provavelmente esses não eram os seus objetivos. Dito de outra maneira, a relação entre os três conceitos – E (espaço); A (aspecto); e T (tempo), e suas inter-relações, manifestam-se nas línguas naturais de diferentes maneiras, seguindo uma trajetória que etnolingüistas, e quiçá alguns psicolingüistas, tentam, às vezes, comparar àquela da criança no processo de aquisição da língua materna. Voltando à questão da abstração, depois de uma leitura atenta de Piaget, por um lado, e de Spirkin por outro, observamos que, definitivamente, a capacidade de abstração não se manifesta fora de uma vivência e das experiências que a acompanham, e é durante aquela baseada nos primeiros cinco anos de vida, e a que antecede o início da adolescência – cada período com suas subdivisões e especificidades – que são sentadas as bases para a apreensão dos fenômenos abstratos (“Around adolescence children enter the period of formal operations, which frees them from the world of the actual and allows them to enter the world of the possible... Their temporal world view expands enormously, and they develop a sense of historical time...” (Cairns & Cairns, 2).

Essa citação é importante tanto para a Psicologia quanto para a Lingüística, e o professor de português – inclusive o de língua estrangeira – que exige de uma criança de oito anos a compreensão da temporalidade implícita no futuro simples ou no pretérito-mais-que-perfeito incorre num erro crasso. E é provável que somente depois dos onze ou doze anos haja o entendimento da semântica temporal, para não falar da modal, que é ainda mais complexa.

Escreve A. Spirkin em sua obra: “l’homme dans les premières phases de son développement imaginait les relations spatiales des choses et non pas leurs relations spatiales abstraites” (Spirkin, 7). A consciência espacial, embora lenta no homem primitivo, não foi tão lenta quanto a consciência temporal, e rastrear a história da formação das estruturas gramaticais e lexicais de certas línguas é suficiente para comprová-lo.” “... dans les langues germaniques anciennes il n’y avait pas de formes verbales du futur” (Spirkin, 7)... “Dans certaines langues, comme le quechua et le maya, le futur est exprimé à l’aide de gestes qui indiquent l’arrière, tandis que dans la majorité des langues occidentales, le futur est exprimé par des gestes qui indiquent “l’avenir”, l’avant. Pour les indiens le futur est derrière eux parce qu’il n’est ni visible, ni palpable” (Spirkin, 7).

A percepção do *eu* teria sido o ponto de partida de tudo (*eu* como, me movimento, caço, acasalo, mato etc.), em um devenir de *ação* para *estado* onde o existir subdivide-se entre SER e depois ESTAR. Observemos que não se discute aqui o “eu pri-

meiro”, sujeito de “comer”, de “movimentar-se”, de “caçar”, de “acasalar”, de “matar”, e sim o *eu consciente de ser sujeito*, e de ser, portanto, um sujeito que sabe que age e interage com o meio ambiente. Um psicólogo diria, talvez, que se trata do *eu* consciente de que está fora do mundo: há ele e o não-ele animado e inanimado.

A questão sobre a formação dos conceitos de aspecto e tempo, e do ingresso posterior desses conceitos em “categorias gramaticais”, pode parecer, à primeira vista, unicamente teórica; é, no entanto, bastante pragmática e como tal pode ser analisada. Os professores de línguas – materna ou estrangeira – vêm-se às voltas com uma “inconsciência” aspectual e temporal que reflete antes de mais nada os vestígios – mais funcionais do que formais (morfológicos) – bastante freqüentes da categoria do *aspecto*. Já se tornou lugar-comum mencionar que o verbo na frase “A Terra gira ao redor do Sol” não indica um tempo presente. Então cabe indagar o que este verbo indica. Ou ainda em “Pedro sempre come feijão com arroz”, que tampouco reflete uma ação presente. Então, o que reflete? Dizer que se trata de uma ação habitual será suficiente? Em que se diferenciaria o presente da primeira frase do presente da segunda? E se tratarmos os dois exemplos como enunciados, mudaria alguma coisa?

Em minha tese “Analyse du Lexique Temporel Portugais”, pretendi analisar detalhadamente os lexemas portadores de temporalidade que, na maioria dos casos, me levaram ao aspecto; estes, nas conclusões, somaram nada menos que quinze classificações em língua portuguesa. Mas, independentemente de reproduzir aqui alguns exemplos retirados de doze textos da imprensa brasileira, analisados na tese, gostaria de sublinhar *o lugar da dificuldade* na compreensão do *aspecto* nas línguas romances: se *o espaço* se reflete em contextos paradigmáticos do tipo “na escola”, “pelo caminho da roça”, “em casa”, “através do rio Amazonas” etc., e o *tempo* em contextos que tomam o momento da enunciação como ponto de referência, como em “Antes da Páscoa eu compro o meu carro” (tempo relativo), ou em contextos que tomam como ponto de referência outro momento que não o da enunciação, como em “Antes as pessoas não sofriam de tensão nervosa” (tempo absoluto), o *aspecto*, nas línguas romances em geral, e particularmente no português, na maioria de suas aparições, não possui elementos morfológicos significativos que denotem sua presença. Se em kraho as partículas [tE] ou [ma], pospostas a um verbo de movimento, indicam uma “qualidade rítmica” – ou até cronométrica – da ação (a primeira mais rápida e a segunda mais lenta), em português isso não se dá. Exemplos:

1. [ik^hra ma kogáti war'mo]
‘meu filho foi até o rio’
2. [wa ma mō] [ma] (resposta)
“até logo” (já vou indo embora) – vá
3. [wa ma tE] [tE] (resposta)
“até logo” (já vou indo depressa) – vá logo

Observação: observe-se que “ir” em kraho, [mo] ou [mō], está comutado com a partícula [tE] nos exemplos 2 e 3, respectivamente. A partícula [ma] tem um sentido

de “embora” no ir-se embora, e na despedida ela se faz necessária tanto quanto num enunciado descritivo do tipo 1. Em artigo ainda em fase de elaboração, tentamos apresentar as correlações de *ma*, *tE*, em verbos de movimento, e contrastá-las com seu emprego em contextos onde os enunciados, apesar de empregarem verbos de movimento, não utilizam nenhuma das duas, mas representam outra qualidade aspectual não indicadora de processo.

Em guarani, por sua vez, a presença constante – inclusive duplicada – de sufixos é indicadora disso que chamamos de “qualidade rítmica”, o que em francês e português não se dá. Assim, em guarani “*uperamo*” significa “quando”, “nesse tempo”. Exemplo:

4. Jha'e oice vaecue Paraguaipe jha *uperamo* che amba'ape vaecuo Ypacaraipe.

“Ele morava em Assunção e nesse tempo trabalhava em Ipacaraf”.

Observe-se agora “*uperamoite*”, que significa a coincidência exata de duas ações ou acontecimentos.

5. Jha'a eguajhe, jha *uperamoite* che aicoparamoite che rembiapope.

“Ele chegou e (exatamente) nesse momento eu terminei o meu trabalho”.

(Exemplos do informante Ramon Insfren para R. Batista – 1972).

Em nosso trabalho de 1985, tentamos abordar o aspecto no léxico português, naquele léxico que, através de uma unidade utilizada em sintagma ou em perífrase, transmite a idéia de fugacidade ou de lentidão da ação. Sabemos, no entanto, que essa “transmissão” nem sempre acontece, ou devido à lei do menor esforço, ou devido à menor importância que os falantes de português atribuem à “qualidade rítmica e/ou cronométrica” da ação. É bastante correto buscar o aspecto nos dêiticos, como nos sugere a lingüista alemã Anna Fuchs (1988) em sua abordagem ao aspecto em língua portuguesa. Lembra ela que Jakobson, num trabalho de mais de três décadas, nega a função dêitica do aspecto; esse “postulado” deve ser e tem de ser revisado.

O que nos interessa aqui é simplesmente apontar para o relevante papel do léxico temporal e do léxico aspectual das línguas romances como uma bússola que não trabalha sem apoio. Anna Fuchs já nos advertia sobre um dêitico qualquer, de origem espacial muitas vezes, como “aqui”, “ali” “etc.” e da sua ligação com a temporalidade verbal e, por extensão, com a temporalidade semântica do enunciado. São dela essas palavras: “O aspecto provoca uma relação de diferentes variáveis; uma orientação intrínseca para uma relação de diferença variável – essa é a definição de todo elemento dêitico”*.

Quando Fuchs indaga: “O Aspecto seria uma relação dêitica não temporal?” nossa tendência era – e continua sendo – de responder afirmativamente. O imperfeito, por exemplo, “precisa escorar-se em uma situação”.

* Aula proferida na Universidade Federal de Goiás, em 1987.

6. “Chego à parada quando o ônibus acaba de sair. Mas o motorista tem que esperar no sinal e aproveita para abrir a porta para mim. Eu agradeço e ele responde com um sorriso. O semáforo *estava ajudando.*”

Em 6., há uma certa relação temática entre um enunciado de coisas temporárias e um evento influenciável. As perguntas que aparecem depois – a) a presença do imperfeito sempre apóia-se em situações projetadas? e b) o imperfeito constituiria o exemplo clássico de aspectualidade vista “dêiticamente” na língua portuguesa? – independentemente de qualquer resposta, não invalidam a questão primeira: “o aspecto é sempre dêítico, e como tal não-temporal?” Para nós, desde a época de redação da tese, o aspecto se mistura “parcialmente” com o tempo, mas tem sua feição própria.

A fim de colocar algum desfecho nessa “conscientização” de espaço, aspecto e tempo, faz-se necessário remeter o leitor que se interessa também por Análise do Discurso, à questão da subjetividade e da objetividade das “categorias” mencionadas, o que o levará à colocação ou à ausência do sujeito na análise do enunciado ou do texto em questão, posto que no Discurso a coordenada de referência pode ser o próprio Discurso, o assunto que está sendo tratado.

“En relation avec l’objectivité ou la subjectivité de l’aspect, LUDTKE... affirme que ‘les actions présentent un caractère de discrimination des faits objectifs, tandis que l’aspect porte en soi une notion subjective’” (Klein, 4).

Para o prof. Ataliba T. de Castilho, a noção de tempo é subjetiva e, ao contrário, a de aspecto é que é objetiva. Em “Analyse du Lexique...” confrontamos essas afirmações, mas parece-nos mais relevante a questão do estudo do aspecto numa teoria de lingüística textual. Para H. Weinrich, o aspecto inscreve-se no quadro da microssintaxe; e acrescenta: “La théorie aspectuelle suppose nécessairement que l’on ait de la syntaxe une conception référentielle, c’est-à-dire orientée vers les objets extralingüistiques” (Weinrich, 9). São esses objetos extralingüísticos que H. Weinrich vê mais como elementos subjetivos, com algumas frases “de desenvolvimento objetivo”. Em nosso trabalho, ficamos no nível de análise dos enunciados de textos, acreditando que a espacialidade seria o mais objetivo dos três conceitos; tanto o aspecto quanto o tempo pareceram-nos ora subjetivos, ora objetivos, em dependência da relação que os elementos aspectuais ou temporais do enunciado mantêm com o que classificamos de “tempo absoluto” e “tempo relativo”. A questão dos “objetos extralingüísticos” levantados por H. Weinrich – que seriam os estados, os processos, os acontecimentos – une-se à idéia de situação projetada, mencionada por Anna Fuchs, o que nos leva a crer que num enfoque dêítico não somente é possível trabalhar o aspecto fora da microssintaxe, quanto diminuir a importância da classificação “objetivo-subjetivo” que H. Klein, Ludtke, Castilho e R. Batista perseguiram.

Finalmente – sem que este final termine os questionamentos anteriores – faz-se necessária uma inclusão do aspecto nas gramáticas brasileiras, um programa que analise o aspecto contraposto ao tempo em enunciados e textos dentro dos currículos das faculdades de Letras, e um estudo teórico para os futuros lingüistas que, desarmados, trabalham com línguas não-europeias, com línguas indígenas, com línguas africanas,

buscando nelas somente o espaço ou o tempo. Se, por um lado, a questão da ergatividade é ainda no Brasil tema para sábios, a do aspecto não conseguiu tampouco sair do nível enciclopédico. A bibliografia consultada e indicada pretende servir de orientação aos colegas que nos leram, no sentido de remeter às fontes primitivas o questionamento dos três conceitos – de espaço, aspecto e tempo –; de unir os aportes dos estudos já realizados, tanto sobre o português quanto sobre outras línguas que não pertençam forçosamente ao modelo de estrutura nominativo-acusativo; de colocar o leitor a par dos mais recentes enfoques sobre a categoria do aspecto (como a função dêitica, por exemplo); e, ainda, no sentido de unir léxico e gramática na análise semântica de lexemas e verbos com conteúdo aspectual e/ou temporal, quando não acontece que compoitem em si também o sentido de lugar.

Gostaríamos de terminar mencionando nossa análise em pressupostos e subentendidos de enunciados portadores de lexemas temporais. As ligações temporais entre o tempo do enunciado e o “posto” no enunciado – para utilizar o termo de O. Ducrot –, e entre o tempo do enunciado e os tempos dos pressupostos e subentendidos estão em relação direta com o sujeito do enunciado e o momento do ato de comunicação, sendo que em certos casos as ligações temporais dependiam totalmente de um marcador léxico como conteúdo aspectual e/ou temporal.

BATISTA, R. M. – *Éléments pour l'étude des relations spatiales, aspectuelles et temporelles*. Alfa, São Paulo, 33: 47-53, 1989.

RESUMÉ: Nous présentons dans cet article certaines questions sur l'origine des concepts d'espace, d'aspect et de temps et comment leur sens se reflètent et se mettent en rapport avec les grammairies des langues naturelles. Outre des exemples en portugais, guarani et kraho, nous relevons la problématique de l'aspect en tant que catégorie déictique, et nous faisons référence au lexique temporel et à son rôle dans les langues latines.

INITERMES: Temps; aspect; espace; lexique temporel; deixis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BATISTA, R. – *Analyse du lexique temporel portugais*. Paris, EHESS, 1985.
2. CAIRNS, H. & CAIRNS, Ch. E. – *Psycholinguistics, a cognitive view of language*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1976.
3. GUILLAUME, G. – *Temps et verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps. L'architecture du temps dans les langues classiques*. Paris, Champion, 1970.
4. KLEIN, H. G. – Algumas observações sobre a categorização do sistema verbal português. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 22(3/4): 295-301, 1973.
5. LACEY, H. M. – *A linguagem do espaço e do tempo*. São Paulo, Perspectiva, 1972. (Debates, 59)

Alfa, São Paulo, 33: 47-53, 1989.

6. PIAGET, J. – *Le développement de la notion de temps chez l'enfant*.
7. SPIRKIN, A. – *El origen de la conciencia humana*. s.l.p., Edición Argentina, 1965.
8. VLACH, F. – La sémantique du temps et de l'aspect en anglais. *Langages*, Paris, 15(64): 65-79, dec., 1981.
9. WEINRICH, H. – *Le temps: le récit et le commentaire*. Trad. par Michèle Lacoste. Paris, Seuil, 1973.